

A subalternização de mulheres negras no mundo do trabalho nos romances *Água de Barrela* e *Solitária* de Eliana Alves Cruz¹

*La subordinación de las mujeres negras en el mundo del trabajo en las novelas *Água de Barrela* y *Solitária* de Eliana Alves Cruz*

*The subordination of black women in the world of work in the novels *Água de Barrela* and *Solitária* by Eliana Alves Cruz*

Victoria Mayara da Rosa²

Resumo

Esse artigo visa refletir o trabalho desenvolvido pela mulher negra brasileira representado por personagens femininas nos romances *Água de Barrela* (2016) e *Solitária* (2022), de Eliana Alves Cruz. Nas obras analisadas, personagens femininas sofrem com o peso do sexismo e do racismo, se equilibrando entre a vida familiar e o trabalho. Nesse sentido, busca-se analisar como são construídos os diversos papéis desempenhados por essas personagens femininas que além de vítimas de opressão também são agentes de resistência.

Palavras-Chave: Intersecções; memória; literatura; afrobrasileira; comparação.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo reflejar el trabajo desarrollado por mujeres negras brasileñas representadas por personajes femeninos en las novelas *Água de Barrela* (2016) y *Solitária* (2022), de Eliana Alves Cruz. En las obras analizadas, los personajes femeninos sufren el peso del sexismo y el racismo, equilibrando la vida familiar y laboral. En este sentido, buscamos analizar cómo se construyen los diferentes roles que desempeñan estos personajes femeninos, quienes además de ser víctimas de opresión también son agentes de resistencia.

Palabras clave: Intersecciones; memoria; literatura; afrobrasileño; comparación.

Abstract

This article aims to reflect the work developed by black Brazilian women represented by female characters in the novels *Água de Barrela* (2016) and *Solitária* (2022), by Eliana Alves Cruz. In the works analyzed, female characters suffer from the weight of sexism and racism, balancing between family life and work. In this sense, it

¹ Artigo apresentado no X Encontro Humanístico Multidisciplinar - EHM e IX Congresso Latino-Americano de Estudos Humanísticos Multidisciplinares, na modalidade online, 2024.

² Mestranda em Literatura Comparada; Universidade Federal da Integração Latino-Americana; Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil; victoriamayaradarosa@gmail.com; <https://orcid.org/0009-0005-0123-310Xvictoriamayaradarosa@gmail.com>

seeks to analyze how the various roles played by these female characters are constructed, who in addition to being victims of oppression are also agents of resistance.

Keywords: Intersections; memory; literature; Afro-Brazilian; comparison.

Introdução

Na contemporaneidade, a literatura brasileira reflete uma ampla gama de vozes que ecoam suas culturas e subjetividades. A emergente literatura negro-brasileira, termo introduzido por Luiz Silva (Cuti, 2010), é um exemplo marcante desse fenômeno, representando as aspirações de grupos marginalizados, historicamente excluídos dos círculos literários convencionais. Autores e autoras negros e negras reivindicam espaço para suas narrativas, resgatando as vozes que foram historicamente negligenciadas pela tradição literária dominante. Eliana Alves Cruz se destaca como uma das escritoras mais influentes da atualidade, com romances, contos e poemas que ecoam poderosamente essas vozes até então silenciadas.

A luta contra o racismo emerge como o principal foco da literatura negro-brasileira. Assim, as narrativas confrontam a história oficial, que insiste em silenciar a experiência negra, trazendo à tona diferentes perspectivas que expressam as demandas daqueles que foram marginalizados ao longo da trajetória literária. A mulher negra destaca-se especialmente nessa jornada, pois representa um dos grupos mais afetados pelos sistemas de opressão. Como observa Sueli Carneiro (2020, p. 183), na sociedade brasileira, a questão da mulher negra tem o potencial de redefinir as prioridades da discussão de gênero, pois ela encapsula as intersecções de raça, classe e gênero em sua própria existência.

Os romances *Água de Barrela* e *Solitária* apresentam um panorama da realidade da mulher negra na sociedade brasileira. No primeiro romance, a autora realiza uma busca por rastros memoriais para reconstruir a história de seus antepassados. Nessa busca, ela realiza uma denúncia das inúmeras violências das quais as mulheres de sua família foram expostas ao longo dos anos, mas também apresenta as formas de resistência que elas assumem. Já em *Solitária*, a autora escreve uma obra baseada na contemporaneidade, buscando demonstrar que os problemas apontados no seu primeiro livro continuam a se perpetuar, é o legado da escravidão que segue assombrando.

Nos romances analisados somos expostos a realidades não tão diferentes, em *Água de Barrela* acompanhamos gerações de uma família que passa da escravidão para a liberdade e mesmo com essa evolução percebemos como as mulheres continuam a desenvolver os mesmos papéis, se não piores por conta da dupla jornada de trabalho. Já em *Solitária* nos deparamos com os

resquícios da escravidão que se perpetuam até os dias atuais, com personagens femininas negras que continuam exercendo os mesmos papéis subalternos.

Ao analisarmos o cenário laboral e o papel das mulheres negras nele, é imprescindível abordar o racismo como uma ideologia que permeia e se manifesta por meio de práticas estruturais tanto na contemporaneidade quanto ao longo da história. O racismo é um elemento que sustenta o sistema capitalista e contribui para a manutenção da divisão racial e de gênero no mercado de trabalho.

A professora Lélia Gonzalez (2020) argumenta que o racismo, no contexto do sistema capitalista, beneficia os grupos dominantes ao longo do tempo, ajudando a preservar o *status quo*. De acordo com a autora, os detentores do poder e os intelectuais que servem às classes dominantes não estão dispostos a renunciar a seus privilégios, dada a sua posição de poder na estrutura social hierárquica.

A falácia da democracia racial, que sustenta a crença de que a determinação, o interesse e o esforço são suficientes para o sucesso, juntamente com os pactos narcísicos estabelecidos entre pessoas brancas, conforme elucidado por Cida Bento (2022) em seus estudos sobre branquitude, perpetuam o mito da democracia racial e a ideia equivocada de que o sucesso social é alcançável por meio do esforço individual. No entanto, é essencial reconhecer que o desenvolvimento de um indivíduo é influenciado por uma série de condições e fatores concretos, como o ambiente em que vive, a qualidade da educação que recebe, o acesso aos serviços de saúde, e o respeito à sua cultura e história ancestral. Como ressalta Bento (2022), a meritocracia, ao atribuir a cada indivíduo a responsabilidade única por sua posição na sociedade, desconsidera essas realidades e culmina em conclusões igualmente equivocadas.

Sendo assim, as mulheres negras são o grupo que enfrenta condições mais desfavoráveis no mercado de trabalho no Brasil. O processo histórico de colonização contribuiu para a criação de estruturas sociais que perpetuam essas desigualdades e o privilégio da elite branca. A "colonialidade" representa a continuidade das relações coloniais mesmo após o fim do colonialismo. Essa dinâmica se manifesta através de uma dominação ideológica e é fundamentada na noção de raça, sendo utilizada pelas elites eurocêntricas para justificar a desigualdade e a exploração no trabalho através da desumanização dos não-brancos.

Em sua tese de doutorado, Lia Schucman (2012) explica que a história do trabalho e dos trabalhadores no Brasil pós-abolição começa com divisões consolidadas: de um lado, a elite latifundiária exercendo seu poder socioeconômico, e do outro, uma massa de homens e

mulheres recentemente libertos, sem perspectivas concretas de inserção no chamado mundo do trabalho "qualificado". A forma de incorporação socioeconômica girou em torno de trabalhos "subalternos", entendidos aqui como atividades marcadas por relações de dominação e exploração. Nesse ínterim, o Estado, por meio de sua política de emigração de mão de obra branca, limitou as oportunidades de inserção para os negros. Isso resultou em atividades precárias, de baixa qualificação e prestígio social para a população negra, criando uma superpopulação disponível para o mercado de trabalho, com resquícios marcantes do sistema colonial escravista, apesar de o trabalho ser formalmente livre.

Sobre a inserção da mulher negra no mundo do trabalho, Cida Bento (2022) explica que ela é mediada pela cultura e pela intencionalidade de aspectos socioeconômicos de uma sociedade. De acordo com Lélia Gonzalez (2020), no Brasil, o trabalho doméstico alcançou grandes proporções durante a transição do século XIX para o XX, marcando a incorporação das mulheres negras no sistema produtivo. Nesse contexto, a divisão sexual do trabalho já apresentava uma hierarquização significativa. Historicamente, o trabalho doméstico no Brasil é caracterizado por uma estrutura precária, com trabalhadoras inseridas em condições de proletárias extrema, à margem da regulamentação salarial estatal. Portanto, o trabalho doméstico contém, em si, a síntese da dominação, ao articular a tríplice opressão de gênero, raça e classe. A escravidão pode ter sido abolida, mas suas heranças persistem no cotidiano e nas vivências das mulheres negras. No cerne dessas experiências, encontra-se o capitalismo, que se manifesta pela habilidade das classes dominantes em todos os períodos históricos de incorporar, até onde for possível, os privilégios que lhes são próprios.

A história do Brasil evidencia uma conexão entre as explorações baseadas na classe, na raça e no gênero presentes no trabalho doméstico, as quais remontam à escravidão. A perpetuação da exploração da mulher negra nesse contexto é uma atualização da mesma dinâmica. Lélia Gonzalez oferece uma análise profunda sobre as interseções das opressões que afetam esses corpos ao dizer que:

Ser negra e mulher no Brasil, repetimos, é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no nível mais alto de opressão. (...) Enquanto empregada doméstica, ela sofre um processo de reforço quanto à internalização da diferença, da subordinação e da "inferioridade" que lhe seriam peculiares. Tudo isso acrescido pelo problema da dupla jornada que ela, mais do que ninguém, tem de enfrentar (Gonzalez, 2020, p. 50)

As interseções das opressões presentes nessas avenidas identitárias expõem as mulheres negras a uma série de violências no ambiente de trabalho, especialmente no contexto do trabalho doméstico, onde têm sido numericamente predominantes desde os tempos da escravidão.

Portanto, as opressões enfrentadas pelas mulheres negras resultam da intersecção entre as opressões de gênero e raça, relegando a maioria delas à margem do poder e da representação, tornando-as invisíveis em diversos contextos. Nas palavras de Lélia, “as possibilidades de ascensão a determinados setores da classe média têm sido praticamente nulas para a maioria da população negra.” (Gonzalez, 2020, p.50).

Estas são algumas das especificidades da condição da mulher negra trabalhadora que, como se verá, são abordadas nas obras *Água de Barrela* (2018) e *Solitária* (2022), da escritora e jornalista Eliana Alves Cruz. Nelas, personagens femininas sofrem com o peso do sexismo e do racismo, se equilibrando entre a vida familiar e o trabalho. Busca-se analisar nestes livros como são construídos os diversos papéis desempenhados por essas personagens femininas, evidenciando como neles, Martha, Damiana e Dodó e Eunice e Mabel são vítimas de opressão, ao mesmo tempo que agentes de resistência.

1. Eliana Alves da Cruz: a mulher negra é sinônimo de trabalho

Eliana Alves S. Cruz é escritora e jornalista e nasceu em 1966, no Rio de Janeiro. Como jornalista, atuou como assessora de imprensa da Federação Olímpica por muitos anos. Além disso, foi colunista do site *The Intercept Brasil* e atualmente é colunista do portal UOL Esportes e pesquisadora de conteúdo do Departamento Artístico da TV Globo. Na área literária, ela publicou três romances, *Água de Barrela*, *O crime do cais do Valongo*, *Nada digo de ti*, que em *ti não veja* e diversas antologias de contos e poesia. Dessa maneira, Eliana Alves Cruz se destaca como uma das vozes mais promissoras da literatura afro-brasileira contemporânea. E uma das confirmações mais notáveis dessa afirmativa reside na sua conquista do primeiro lugar no renomado Prêmio Jabuti 2022, na categoria Conto, com a sua obra-prima intitulada *A vestida*. Empenhada no resgate da memória social e cultural afro-brasileira, seu romance de estreia, *Água de Barrela*, lhe rendeu o prêmio Oliveira Silveira, em 2015. Essa obra é o resultado de 5 anos de pesquisa sobre a história de sua família desde os tempos da escravidão e retrata a trajetória desde 1849, explorando eventos que variam desde a travessia forçada da África à América até o final do século XX, quando a família já havia rompido todas as conexões com os poderosos clãs escravocratas Vieira Tosta e Bandeira. De acordo com a escritora, a pesquisa

para a construção desse romance histórico teve início a partir das memórias de Tia Nunu e da narração de suas vivências. Anolina, ou “Nunu”, como familiarmente era conhecida, é a tia avó materna de Eliana, uma mulher que foi diagnosticada com transtorno bipolar durante grande parte de sua vida. No livro, essa personagem compartilha suas memórias, especialmente da década de 1920 a 1950, quando vivia entre a região rural de Cachoeira com as bisavós Umbelina e Dasdô e sua avó Martha, assim como em Salvador com a mãe Damiana e a irmã Celina.

Água de Barrela tem início com a chegada de Akin Sangokunle e Ewà ao Brasil. Originários de Iseyin, no reino de Oió, eles são capturados pelos Fulani e vendidos a traficantes de escravos. O ano era 1849, quando o tráfico negreiro já era oficialmente proibido, embora a lei não fosse cumprida. Ao desembarcarem no Brasil, são batizados e recebem os nomes Firmino e Helena, respectivamente. Em seguida, são vendidos e levados ao Engenho Natividade, em Cachoeira, no Recôncavo Baiano. Ewà falece após dar à luz a Anolina, e é através dela que a linhagem familiar sobrevive no Brasil. A narrativa então se desdobra, concentrando-se nas descendentes de Ewà: Anolina, Martha, Damiana e Maria da Glória.

Martha é a última de sua família a ser escravizada, apesar de ter nascido na vigência da lei do ventre livre. Após a abolição da escravidão, ela se muda com suas filhas para cidade, em Cachoeira, onde precisa se desdobrar em uma tripla jornada de trabalho para garantir o sustento da família. Em pouco tempo, suas filhas, Damiana e Maria da Glória também começam a trabalhar, exercendo as mesmas funções de lavadeira, passadeira e quitandeira. Através do trabalho, as mulheres dessa família resistem, garantindo o sustento e os estudos das futuras gerações.

Solitária é o quarto romance de Eliana Alves Cruz e foi publicado pela Companhia das Letras em 2022. Nessa obra a autora aborda principalmente a questão do trabalho doméstico no Brasil e a herança escravocrata, destacando a perpetuação de papéis de baixo status destinados às mulheres negras. As protagonistas são duas mulheres negras, mãe e filha, Mabel e Eunice. O livro é dividido em três partes, sendo a primeira narrada por Mabel, a filha, que mora no quatinho da empregada, na casa da família burguesa para quem a mãe trabalha. Ela tem sua infância interrompida pois vive com diversas limitações e precisa auxiliar a mãe nas diversas funções que ela exerce. Como uma empregada que dorme no trabalho, Eunice precisa estar à disposição 24 horas por dia e desempenha múltiplos papéis, sendo uma espécie de “empregada-babá-chefe.”

Na segunda parte da história, D. Eunice assume o papel de narradora. Ela compartilha em primeira pessoa os eventos que experienciou enquanto trabalhava na cobertura do luxuoso prédio Golden Place. Seus empregadores, D. Lúcia e Sr. Thiago, são figuras ricas e influentes. Após enfrentar uma grande luta interna, ela finalmente decide pedir demissão. No entanto, acaba retornando ao local uma última vez para auxiliar a nova funcionária, Luzia, a preparar uma feijoada a pedido da antiga patroa. Nesse retorno, uma tragédia ocorre: o filho de Luzia, Gilberto, cai acidentalmente da janela do quarto de D. Lúcia e não sobrevive. Eunice se vê dividida entre seguir a orientação de D. Lúcia para encobrir Camila, a filha da patroa, ou revelar a verdade às autoridades policiais.

A terceira e última parte da história é contada através de quatro perspectivas distintas, as “solitárias”: o quartinho da empregada, o quartinho do porteiro, o quarto de hospital e o quarto de descanso. As solitárias narram diversas memórias de eventos que se passaram naqueles espaços. Os quartinhos da empregada e do porteiro revelam os anos de exploração sofridos por vários funcionários do prédio; o quarto de hospital, relata os eventos relacionados à pandemia de Covid-19; e, por fim, o quarto de descanso narra a confissão final de D. Eunice e o desfecho de toda a história.

As duas obras, apesar de diversas, demonstram como o trabalho doméstico e a servidão são heranças que a mulher negra carrega e das quais tem dificuldade de se desvencilhar. O trabalho doméstico e a servidão, nestas narrativas, são propostos como traços fundamentais e inseparáveis da abordagem da mulher negra, seja qual for o momento histórico.

2. Trabalho e resistência nas obras *Água de Barrela* e *Solitária*

A presença da mulher negra no mercado de trabalho é uma realidade marcada por desigualdades e formas específicas de opressão. Ao longo da história, as mulheres negras enfrentaram múltiplas barreiras que as impediram de acessar oportunidades de emprego dignas e equitativas. As obras analisadas exploram a complexidade dessa questão, destacando como a interseção de gênero, raça e classe contribui para a marginalização e exploração das mulheres negras no mundo do trabalho.

Em *Água de Barrela*, várias gerações de mulheres negras da mesma família são escravizadas: Ewà, Anolina e Martha. Durante a escravidão, elas exercem serviços na lavoura e na casa-grande. Após a abolição, Martha continua servindo a mesma família, em troca de moradia. Nesse período ela tenta equilibrar sua jornada de trabalho que inclui os serviços domésticos, a

criação dos filhos, o trabalho na lavoura, o cuidado com a roça da tapera e a produção e venda de produtos caseiros e artesanais.

Após se desvincular completamente de seus antigos senhores, Martha precisa conciliar suas responsabilidades no trabalho de lavadeira, passadeira e quitandeira com as tarefas domésticas e a criação de suas filhas. Segundo Lélia Gonzalez (2020), os recém-libertos eram frequentemente relegados a ocupações de baixo *status*, retomando os mesmos trabalhos braçais e domésticos, muitas vezes com vínculos empregatícios precários. Para as mulheres negras, resta a dupla jornada de trabalho, sendo obrigadas a equilibrar o emprego, as tarefas domésticas e a responsabilidade pela criação dos filhos.

Logo, as filhas de Martha também começam a trabalhar em casas de família, exercendo as mesmas funções da mãe. Maria da Glória, conhecida como Dodó, torna-se serva da família dos antigos senhores de sua mãe, para garantir que sua irmã tenha a oportunidade de frequentar a escola. Sua irmã consegue uma vaga em uma instituição educacional após Martha solicitar um favor à sua antiga senhora, Iaiá Bandeira. Em troca desse favor, o coronel exige que Dodó se torne serviçal de sua família. Nesse serviço, ela mora no trabalho e exerce funções de babá, chefe e faxineira 24 horas por dia. Assim, ela passa toda a sua vida servindo Maricota e sua família, por fim, sucumbe ao cansaço e exaustão: “Dodó faleceu pelos mesmos motivos de muitos antes dela. *A causa mortis* não escrita de Maria da Glória foi trabalho forçado.” (CRUZ, 2018, p. 294)

De acordo com Lélia Gonzalez (2020), o processo de marginalização da população negra, imposto pelas práticas discriminatórias de uma sociedade marcada pelo autoritarismo, relegou-os à condição de setor mais oprimido e explorado da população brasileira. Nesse sentido, a autora explica que a mulher negra é vista socialmente como um corpo que trabalha, e que é super explorado economicamente, ela é uma faxineira, cozinheira, lavadeira etc. que faz o “trabalho pesado” das famílias de que é empregada. É por esta via que Eliana Alves Cruz aborda a condição da mulher negra, considerando a dificuldade de sair dessa lógica, já que esta é uma condição herdada pelas gerações subsequentes de mulheres negras.

Damiana, por exemplo, se torna a primeira da família a obter instrução formal. Porém, sua realidade não é tão diferente. No Colégio Nossa Senhora da Salete, ela recebe um tratamento diferenciando, tendo que limpar, lavar e passar para suas colegas. Após concluir os estudos, ela continua exercendo o serviço de lavadeira e passadeira para diversas famílias da elite baiana.

Em *Solitária*, Eunice enfrenta o mesmo desafio da dupla jornada de trabalho. Ela inclusive reside na casa da patroa, assim como Dodó, e, portanto, fica a disposição 24 horas por dia, se dedicando as suas tarefas. Ela trabalha na cobertura de um prédio, o Golden Place, desempenhando as funções de empregada doméstica, babá e chefe de cozinha para uma família rica, composta por D. Lúcia, Sr. Thiago e Camila. Além do trabalho exaustivo, ela precisa se dedicar na criação de sua filha Mabel, que mora com ela no quartinho da empregada. Mabel precisa lidar com todas as restrições e limitações possíveis, tentando evitar ao máximo causar qualquer incômodo para os empregadores de sua mãe.

Mabel, na primeira parte de *Solitária*, atua como a narradora, oferecendo seu ponto de vista sobre os anos em que ela e sua mãe trabalharam no Golden Place. A ausência constante de sua mãe, devido às longas horas de trabalho, teve consequências significativas em sua vida. Em boa parte de sua vida ela se sentiu isolada, abandonada e profundamente solitária. Residir no quartinho da empregada só agravava a situação, privando-a de liberdade e restringindo seu desenvolvimento. Ela era obrigada a agir com discrição extrema, limitando sua interação. Essas circunstâncias impactaram severamente sua infância, forçando-a a amadurecer precocemente e a assumir diversas responsabilidades.

Em sua investigação sobre a conexão entre o trabalho doméstico e as origens da escravidão, Heleieth Saffioti (1978) destacou um aspecto persistente da escravidão que continua presente nos lares brasileiros: as "crias da casa". De acordo com a autora, elas são crianças que trabalham em condições precárias, recebendo apenas moradia e alimentação em troca, e mais recentemente, em troca da promessa de educação.

Diante das circunstâncias, torna-se evidente que Mabel era essencialmente uma trabalhadora adicional para os empregadores de sua mãe. Porém, sem ter vínculo empregatício e nem salário. Além de ter sua própria infância sacrificada, Mabel também enfrentava a realidade de Eunice ser mais mãe de Camilinha do que dela, já que passava mais tempo com a garota.

Conforme Sueli Carneiro (2011) observa, para a mulher negra, ingressar no mundo do trabalho implica em renunciar aos estereótipos femininos impostos pela sociedade capitalista. No entanto, ser mulher negra muitas vezes significa simplesmente não se ajustar a esses padrões e ser julgada por isso. Embora essa dicotomia aparentemente simples tenha suas raízes na funcionalidade, há questões profundas que exigem consideração. Isso inclui a impossibilidade de cuidar dos próprios filhos, a negação do direito a um lar e uma família, e a falta de perspectiva

de casamento. Essa realidade impacta diretamente o mundo do trabalho e as funções atribuídas a essas mulheres.

Algo comum na vida dessas personagens é a falta de apoio de seus companheiros. Ao decidir se mudar para cidade e se desvincular de seus antigos senhores, Martha se despede de seu marido, Adonis, que decide continuar na fazenda do clã dos Bandeiras, realizando serviços e tarefas em troca de moradia. Damiana também se vê completamente sozinha na criação de suas filhas, Celina e Anolina. Com Eunice a história não é diferente, seu marido é um homem agressivo e alcoólatra que abandona a família após anos de negligência.

Ao examinar essa dinâmica de gênero e classe dentro do contexto do capitalismo industrial dos séculos XIX e XX, Maria Bento (1995) destaca o fato das mulheres negras desempenharem um papel fundamental como pilares da família, em contraste com o modelo de família burguesa branca, no qual o homem era considerado a fortaleza do lar. Sobre isso Lélia Gonzalez (2020) explica que no período imediato após a abolição, coube à mulher negra a responsabilidade do sustento moral e a subsistência dos demais membros da família. Isso resultou em um trabalho duplicado, uma vez que a mulher precisou se dividir entre diversas funções e tarefas.

Nas duas narrativas, as mães demonstram um compromisso inabalável com a educação das futuras gerações. Apesar dos inúmeros obstáculos, Martha assegura uma educação formal para sua filha Damiana; sua neta Cecília torna-se a primeira professora da família, e anos depois, seu bisneto Eloá alcança o feito de se tornar o primeiro advogado. Em *Solitária*, a trajetória é similar, com Mabel conseguindo uma vaga em uma universidade pública para estudar medicina. Essas ascensões sociais conseguidas com muito esforço e dedicação geram grande insatisfação tanto nos empregadores de Eunice quanto nos antigos senhores de Martha.

Conforme argumentado por Bell Hooks (2017), indivíduos pertencentes a grupos marginalizados frequentemente resistem através da educação. Isso ocorre porque a educação oferece uma oportunidade de escapar do ciclo do trabalho doméstico. Assim, essas mães, por meio de sacrifícios pessoais e trabalhos exaustivos, procuram melhorar as perspectivas de vida de seus filhos por meio da educação.

Além disso, Hooks enfatiza que a marginalidade não é apenas um estado de exclusão, mas também um espaço de resistência significativo. Ela identifica a marginalidade como um local central para a produção de discursos contra-hegemônicos, os quais não se limitam apenas às palavras, mas se manifestam nos hábitos de existência e na vida cotidiana. Assim, indivíduos em espaços marginalizados buscam ocupar o centro da produção de conhecimento como uma

forma de desafiar e superar as estruturas coloniais que historicamente os têm impedido de progredir. Isso fica evidente nos dois romances, uma vez que tanto Martha quanto Eunice não medem esforços para providenciar o acesso à educação aos seus filhos, para que assim melhorar as condições de vida de suas futuras gerações.

Apesar de serem alvos constantes da opressão patriarcal, as mulheres negras também desempenham um papel ativo de resistência. Os romances analisados destacam claramente a resistência das personagens, que lutam incansavelmente para sustentar suas famílias, dedicando-se a proporcionar educação aos seus filhos e netos.

A situação da mulher negra é resultado de raízes históricas, onde a ideologia predominante ainda insiste em determinar que o papel da mulher negra seja restrito à cozinha e aos afazeres domésticos. Essa estrutural social continua mesmo após a abolição da escravidão. Sobre isso, Lélia Gonzalez escreveu:

A situação da mulher negra, hoje, não é muito diferente de seu passado de escravidão. (...) Enquanto trabalhadora, continua a desempenhar as funções modernizadas da escrava do eito, da mesma mucama, da escrava de ganho. Enquanto mãe e companheira, continua aí, sozinha, a batalhar o sustento dos filhos, enquanto o companheiro, objeto da violência policial, está morto ou na prisão, ou então desempregado e vítima do alcoolismo. Mas seu espírito de quilombola não a deixa soçobrar. (GONZALEZ, 2020, p. 181)

De acordo com Karoline Nascimento Miranda (2019), a mulher negra continuou enfrentando desafios no cenário do trabalho livre, alguns dos quais perduram até os dias atuais. Analisar a história social do trabalho negro no Brasil não pode ser feito de forma homogênea: as mulheres negras, além de contribuírem de maneira particular e substancial para a economia de subsistência do país, representaram verdadeiros exemplos de resistência e força. Recebendo salários inferiores e sujeitas a uma desvalorização ainda maior, elas enfrentaram uma batalha constante em dois *fronts*: a questão racial e de gênero. Esses dois elementos, quando combinados, deram origem a uma figura trabalhadora resiliente, capaz de resistir a todos os obstáculos. Movendo-se entre os âmbitos doméstico e público, entre as tarefas domésticas e a venda em feiras, as mulheres negras mantiveram, ao longo dos séculos, um papel significativo na economia do Brasil.

Considerações Finais

A literatura negro-brasileira dá voz às demandas da negritude, rejeitando o silêncio perante a narrativa oficial que tenta limitar suas oportunidades, relegando os negros a espaços de subordinação.

Nos romances analisados, Eliana Alves Cruz representa muito bem a realidade da mulher negra e traz à tona diversas reflexões sobre a sua posição na sociedade e a sua opressão e desvalorização. A tripla discriminação que atravessa a existência da mulher negra a coloca em espaços inferiorizados que resultam em baixas condições de vida. Ao rememorar a história de sua família, ela realiza um panorama das diversas funções exercidas por suas ancestrais no romance *Água de Barrela*, e esse panorama deixa explícito como gerações de mulheres negras continuam nas mesmas funções e quase nas mesmas situações empregatícias em que estavam durante a escravidão. Ao comparar os dois romances, percebemos que em *Solitária* a história se repete, novamente observamos a representação mulheres negras em lugares desprivilegiados e a perpetuação dessa situação é um retrato da desigualdade social no Brasil.

Essa realidade é resultado de uma série de fatores, incluindo discriminação no mercado de trabalho e acesso limitado à educação de qualidade e oportunidades econômicas. Essa situação é em grande parte uma herança direta do legado da escravidão, onde os negros foram subjugados ao trabalho forçado e à marginalização social, perpetuando um ciclo de pobreza e exclusão mesmo após a abolição. Políticas discriminatórias e sistemas de segregação racial contribuíram para a marginalização contínua da comunidade negra, limitando seu acesso a recursos e oportunidades, refletindo-se nas desigualdades estruturais persistentes.

Os romances de Eliana Alves Cruz evidenciam o reflexo das aspirações e lutas da comunidade negra brasileira que tenta a todo custo tirar da invisibilidade essas problemáticas e assim buscar formas de superar as desigualdades que atravessam o corpo feminino negro. No último capítulo de *Solitária*, intitulado "Quarto de descanso", a autora destaca: "Não há paz enquanto se habita o tumultuado quarto de despejo" (Cruz, 2022, p. 158), fazendo alusão a Carolina Maria de Jesus e alertando que somente com a superação das desigualdades poderá haver liberdade para sonhar.

Referências

BENTO, Cida. *O pacto da branquitude*. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CARNEIRO, Sueli. *Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero*. Geledés, 2011. Disponível em:

<<https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero>> Acesso em: 31/01/2024.

CARNEIRO, S. *Escritos de uma vida*. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

CRUZ, Eliane Alvez. *Água de Barrela*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

CRUZ, Eliana Alvez. *Solitária*. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CUTI, L. S. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

GLISSANT, É. *Introdução a uma poética da diversidade*. Juiz de Fora, MG: Editora da UFJF, 2005.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. 2ª edição. WMF Maartins Fontes, 2017.

MIRANDA, Karoline Nascimento. *Mulher negra, trabalho e resistência: escravizadas, libertas e profissões no século XIX*, 2019. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/epigrafe/article/view/141487/155563>> Acesso em 31 de jan. 2024.

RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SAFFIOTI, Heleieth. *Emprego doméstico e capitalismo*. Rio de Janeiro: Vozes, 1978.

SOARES, Cecília Moreira. *As Ganhadeiras: mulher e resistência negra em Salvador no século XIX*. In AFRO - ÁSIA, Nº 17. Centro de Estudos Afro-Orientais, Salvador: EUFBA, 1996.

BENTO. *Maria Aparecida Silva. A mulher negra no mercado de trabalho*. In: Revista Estudos Feministas. IFCS/UFRJ- PPCIS/UERJ. Vol. 3, nº. 2, 1995.

**X Encontro Humanístico Multidisciplinar - EHM e IX Congresso Latino-Americano de
Estudos Humanísticos Multidisciplinares - CLAEHM**

Dezembro de 2024, Online | claec.org/ehm

Artigos Completos

SCHUCMAN, L. V. *Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: Raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana*. São Paulo: USP, 2012.